cultura.df@dabr.com.br
3214-1178/3214-1179
Editor: José Carlos Vieira
josecarlos.df@dabr.com.br

Correio Braziliense
Brasília, quarta-feira, 4 de novembro de 2026

RUY CASTRO, RECÉM-LAUREADO COM O JABUTI DE MELHOR LIVRO DO ANO, E HELOISA SEIXAS, PARTICIPAM DE BATE-PAPO NO PROJETO CLUBE DE LEITURA CCBB

UNIDOS PELA PAIXÃO LITERÁRIA

Fotos: Divulgação



Ruy Castro: Imortal da Academia Brasileira de Letras acaba de conquistar o segundo Jabuti consecutivo



Heloisa Seixas: caminhos entre o real e a fantasia

» JOÃO PEDRO ALVES*

Há 35 anos, Ruy Castro e Heloisa Seixas vivem num casamento a três. "Somos eu, ela e os livros", diz o autor, que acaba de conquistar o prêmio máximo do Jabuti pelo segundo ano consecutivo. Os quase 15 mil volumes nas estantes do amplo apartamento que dividem no Rio de Janeiro ganham vida e se embrenham com frequência nessa relação. "É muito prazeroso", comenta Heloisa. O casal participa do Clube de Leitura do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) em Brasília, hoje, às 18h30.

Estar diante de leitores, concordam os dois, é exercício necessário para quem escreve. "Nesses contatos percebe-se com clareza como você mexe com a vida das pessoas e a responsabilidade e a beleza que há nisso", argumenta Heloisa. Por escolha do público, o encontro vai se concentrar nas obras *Trincheira tropical*, de Ruy Castro, Livro do Ano no Prêmio Jabuti 2026, e *O livro dos pequenos nãos*, romance de Heloisa Seixas.

O primeiro disseca os impactos da Segunda Guerra Mundial no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro, enquanto o segundo costura narrativas que medem a influência do acaso. Um é informativo, o outro, ficcional. "Morro de inveja da imaginação da Heloisa", confessa Ruy. O trabalho dele depende de pesquisa minuciosa. Para escrever *Trincheira tropical*, foram mil obras consultadas ao longo de seis anos. Heloísa também ataca nessa direção, com menor intensidade. "Eu gosto mesmo é de andar na fronteira entre real e fantasia." Antes do bate-papo que será mediado pela curadora Suzana Vargas e pelo escritor, jornalista e crítico literário Mauricio Melo Junior, os autores Ruy Castro e Heloisa Seixas conversaram por telefone com o **Correio** sobre o Rio de Janeiro, os afetos e a vida dedicada à escrita.

ENTREVISTA // RUY CASTRO E HELOISA SEIXAS

O Rio de Janeiro se sobressai tanto em *Trincheira tropical* quanto em *O livro dos pequenos nãos*. O que a cidade tem de tão mágica?

Ruy Castro: No meu caso é porque é a única cidade que conheço. Já morei fora do país, mas nunca saí do Rio, nem por um dia. Desde que aprendi a ler, nunca passei um dia na vida sem ler os jornais do Rio. Quando morei em Lisboa, nos anos 1970, recebia o *Jornal do Brasil* e *O Globo*, com um dia de atraso. É uma entrega total, quero saber tudo que acontece no Rio desde cedo. E se você pegar os livros do Jorge Amado, todos se passam na Bahia, os do Érico Veríssimo, no Rio Grande do Sul, os do Paul Auster, em Nova York, Balzac, em Paris. Cada um escreve sobre o seu quintal.

Heloisa Seixas: De fato, *O livro dos pequenos nãos* foi até classificado por um ótimo jornalista, que é o Álvaro da Costa e Silva, como o mais carioca dos meus livros, porque a ação principal, que se passa nos dias de hoje, é um mergulho na noite do Rio, com emoções e perigos. Tenho uma relação muito intensa com o Rio, com a cidade. Nasci, me criei aqui, nunca morei em nenhum outro lugar, mas os meus livros, na maioria, são até um pouco difíceis de determinar o território em que se passam. Não todos, mas muitos, eu acho, se passam muito dentro da cabeça dos personagens. O livro dos pequenos nãos tem muita ação na rua. Já tive outros assim, mas poucos.

No caso de Trincheira Tropical foram seis anos e pelo menos mil obras consultadas. O livro dos pequenos nãos viaja também ao sertão de Canudos. Qual a importância da pesquisa histórica em cada um desses trabalhos?

Heloisa Seixas: Fiz uma uma viagem a vários momentos do passado que vão ser explicados no final do livro porque fazem parte da história e, para isso, fiz sim uma pesquisa. Inclusive no caso do Sertão da Bahia eu tinha uma avó que morreu com 99 anos e que contava muitas histórias de Monte Santo, praticamente na região de Canudos, onde nasceu e viveu poucos anos depois do ocorrido. Então, me baseei também nessa tradição oral, de contar histórias que a minha avó carregava brilhantemente. E no caso do Ruy, sim, aí a pesquisa histórica é pesadíssima. A informação é a coisa mais importante para ele.

Ruy Castro: No Rio você convive, quer queira quer não, com a história. Você cruza uma nova esquina, você muda de século. O Brasil tem um passado e esse passado, na verdade, ainda está muito cristalizado no Rio, apesar de todas as mudanças que a cidade sofre. E esse passado me inspira muito a ir atrás de informações. Tudo é feito à base de informação. A graça da coisa está realmente em se interessar por um assunto, por uma época, por um lugar e ir atrás das informações que os explicam. Se fosse possível inventar, imaginar, presumir como é que foi, melhor fazer uma ficção. Por isso que morro de inveja da Heloisa. O universo ficcional na cabeça dela é uma coisa extraordinária que eu não tenho.

Os dois saíram do jornalismo. Um se mantém 100% apegado à informação e o outro seguiu pelo caminho da imaginação.

Heloisa Seixas: Curiosamente, nos anos todos que eu trabalhei no jornalismo, que foram mais de 15 anos, sempre trabalhei como redatora, subeditora, tradutora internacional, principalmente escrevendo e não apurando. Nunca fui repórter. Agora, como a maior parte dos escritores, pego a vida real, boto dentro do liquidificador, misturo com delírios, angústias, anseios, o que seja, e dali sai aquela massa que vai muitas vezes me surpreende, quase como se a história se escrevesse. Gosto muito, na verdade, dessa mistura. *O livro dos pequenos nãos* é uma prova disso. Gosto mesmo é de andar em cima da linha, na fronteira entre real e fantasia.

Ruy Castro: Até o século 19, você não tinha a história como conhecemos hoje, de pessoas especializadas na investigação da história por meio de documentos e de relatos do passado. Então, quem eram os grandes historiadores do século 19? Os ficcionistas. Muitos historiadores do século 20 aprenderam a história do século 19 lendo o Tolstoi, Stendhal. Nem mesmo um ficcionista, como a Heloisa, que trabalha com a imaginação, consegue se libertar completamente da vida real. Eles podem usar recursos da história e do fato. Já os historiadores agora não podem mais usar recursos da imaginação. Tem que ficar em cima só da informação.

E o que os motiva a participar de eventos literários pelo país?

Ruy Castro: É a possibilidade até de conhecer o nosso leitor, porque essa atividade dos escritores é realmente solitária, no caso do do biógrafo e do historiador nem tanto, porque dependem muito das fontes de informação. Mas na hora de escrever você tá sozinho com o seu equipamento. O contato do autor e do leitor é muito difícil de acontecer.

Heloisa Seixas: Esses encontros enriquecem, e até inquietam, o autor, porque há realmente um diálogo. As pessoas participam, fazem perguntas, às vezes comentários e não é incomum que aconteça de o leitor dizer coisas sobre a sua obra, o seu livro que você não sabia ou não tinha parado para pensar naquele ângulo. O autor se surpreende e se assusta com a própria responsabilidade. Escrevendo a gente vai mexer com alguma coisa na cabeça e aré com a vida de um. Tivemos vários relatos nesse sentido, tanto eu quanto o Rui.

Nessa relação afetiva de muitos anos entre vocês dois, qual o papel da literatura?

Rui Castro: Olha, esse aqui é um casamento a três. Somos eu, a Heloisa e os livros. Tem sempre um livro entre eu e ela, de alguma maneira. Ou está na mão dela, ou tá na minha, ou está entre nós dois. É um ménage à trois permanente.

Heloisa Seixas: Os livros são vivos aqui em casa, porque entram, saem, são emprestados, vão para as diferentes estantes, de uma para outra. Tem 10 estantes aqui em casa. Nós moramos numa casa num apartamento grande. Já calcularam aqui uma vez cerca de 15.000 livros. É uma coisa, é uma biblioteca realmente. Mas é muito bom, muito prazeroso.

Como explicar o Rio de Janeiro do ponto de vista eleitoral?

Rui Castro: É igual ao Brasil, de maneira geral. A diferença é que no Rio de Janeiro vão presos. Aqui, a justiça do Rio prende. Poderíamos votar melhor. O Rio tem um enorme interior. Esse atual governador, por exemplo, que virou aqui, ganhou em 98 cidades do estado do Rio e perdeu na cidade do Rio de Janeiro. A mesma coisa relativa ao Flávio Bolsonaro. Então, quer dizer, é preciso ver bem essa diferença.

***Estagiário sob a supervisão de Severino Francisco**

SERVIÇO

Clube de Leitura CCBB Brasília, com Ruy Castro e Heloisa Seixas, nesta quarta-feira (4/11), no Teatro do CCBB (SCES Trecho 02 Lote 22, Setor de Clubes Especial Sul), às 18h30. Entrada gratuita, mediante retirada de ingressos.